



**O PAPEL DO EDUCADOR NA QUALIDADE DAS  
RELAÇÕES QUE OS BEBÊS CONSTROEM NO AMBIENTE  
ESCOLAR**

Gláucia Sales Paez Fernandez

**Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Me. Maria Helena Pelizon, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis".**

## RESUMO

---

*Apresento neste trabalho um estudo de caso realizado em uma escola da rede municipal de São José dos Campos, com uma turma de berçário. Optei em desenvolver uma pesquisa participativa sobre a importância do acolhimento na construção de relações mais qualificadas e consolidadas entre o(s) adulto(s) de referência e as crianças; entre as próprias crianças e entre os adultos que trabalham na unidade.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Acolhimento. Escola de educação infantil. Observação de bebês. Protagonismo infantil.

## **Agradecimentos**

Aos meus filhos, João e Teresa, que me apresentaram outras possibilidades de ser e agir no mundo. Com vocês dei os primeiros passos em direção à minha criança interior.

Oscar, meu companheiro de vida, por sempre apoiar as minhas escolhas. Essa travessia só foi possível porque tinha você ao meu lado.

À minha mãe e ao meu pai por acreditarem tanto em mim. Com vocês encontrei coragem para seguir em frente.

À minha irmã, pela disposição em me escutar, pelas trocas e por dividir seu tão escasso tempo, comigo.

À querida mestra Adriana Friedmann, pelo acolhimento, pelo interesse genuíno e por acreditar no potencial de cada uma de nós. Pela oportunidade desse encontro que me transformou completamente e, pela sua enorme generosidade.

À Casa Tombada, esse lugar de encontros tão potentes, agradeço por existir e resistir.

Às mulheres incríveis que tive o privilégio de conhecer nesses dois anos de pós-graduação. Sigamos juntas, como disse Bel Santos Mayer, voando em bando!

Aos bebês e às educadoras com os quais convivi em 2019, por me ensinarem sobre acolhimento, empatia e por me ajudarem a compreender meu papel enquanto professora.

À Maria Helena Pelizon pela escuta, pelo carinho e por aceitar me orientar nessa jornada. O que aprendi ao seu lado levarei sempre comigo.

*“Eles não são objetos do meu estudo mas são sujeitos da minha história”*

*Bel Santos Mayer*

## **Memorial**

Quando iniciei meu percurso na educação, há quase uma década, no curso de Pedagogia, buscava compreender como a escola poderia contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática. Ainda no decurso da minha graduação e alimentada por esse questionamento, elaborei, junto com minha professora Dra. Delma Mesquita, uma pesquisa que tratava da importância da escola se constituir como um espaço para uma educação que se desse integralmente, priorizando uma formação ética, estética, crítica, política e emancipatória.

Concluí a graduação na mesma época em que comecei a trabalhar como professora de educação infantil na Rede Municipal de São José dos Campos. A essa altura tinha plena consciência do papel da instituição escolar, porém, em 2019, ao assumir uma sala com 16 bebês, me deparei com uma nova inquietação: Qual o papel do educador de bebês? Mais especificamente, qual o seu papel na qualidade das relações que os bebês constroem no ambiente escolar?

Sensibilizada pelo percurso vivido no curso de Pós-graduação “*A Vez e a Voz das Crianças*”, compreendi que não seria possível responder a essa questão sem antes parar e escutar o que tinham para me dizer os 16 bebês que compartilhavam as manhãs comigo. E foi com uma escuta atenta e respaldada pelas mãos da professora Me. Maria Helena Pelizon, minha orientadora, que iniciei esta jornada. Dentre as autoras e autores com os quais dialoguei, destaco Anna Tardos, Judit Falk, Sandra Regina Simonis Richter, Maria Carmen Silveira Barbosa e o Currículo Integrador da Infância Paulistana. Por meio destas leituras percebi o quanto a qualidade do acolhimento influenciava o desenvolvimento saudável, pautado no respeito mútuo e no incentivo à conquista de uma autonomia cada vez maior das crianças. Decidi, portanto, que seria esse o tema a ser desenvolvido no presente trabalho.

## **Justificativa**

Consciente das questões surgidas a partir da chegada dos bebês na rede municipal de educação infantil, especialmente no tocante ao trabalho dos professores, e levando em consideração a importância do acolhimento na qualidade das relações construídas no ambiente escolar, acredito que as discussões propostas neste estudo de caso possam contribuir para ampliar o debate sobre o papel do professor no processo de aprendizagem dos bebês, aqui percebidos como produtores e ressignificadores de cultura. Além disso, esse trabalho reforça o debate acerca da necessidade de ampliar o investimento na educação de base, melhorando a formação dos profissionais bem como suas condições de trabalho.

## **Objetivo**

O presente trabalho tem como objetivo central analisar o papel do educador na melhoria da qualidade das relações que os bebês estabelecem no ambiente escolar, tendo como objetivos específicos:

- A) Comprovar, através da análise dos dados da pesquisa de campo, a dimensão do acolhimento na consolidação de relações saudáveis pautadas no sentimento de confiança e no respeito mútuo entre os sujeitos analisados.
- B) Demonstrar a relação entre a conquista de diferentes graus de autonomia e o respeito à singularidade de cada bebê.

## Metodologia

O percurso metodológico adotado no presente trabalho baseou-se na Pesquisa Ação, definida por ENGEL (2000) como aquela que possibilita unir teoria e prática. Segundo esse autor, através desse tipo de pesquisa:

[...] procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto (p. 182).

E complementa descrevendo como uma de suas características “tornar-se um processo de aprendizagem para todos os participantes” (KRAPP apud ENGEL, 2000, p. 184) rompendo com a cisão entre sujeito e objeto.

O universo da pesquisa foi delimitado no ano de 2019 como um estudo de caso da Escola Municipal de Educação Infantil “Professora Valéria Aparecida de Almeida Vasconcelos”, localizada na zona sul do município de São José dos Campos. Inaugurada em 2012, a escola possui dois andares e, à época da pesquisa, estava organizada da seguinte maneira.

Piso Térreo:

- 03 salas de aula;
- Secretaria;
- Sala da Diretora;
- Sala da Orientadora de Escola;
- Almoxarifado Pedagógico;
- Sala de Leitura;
- Almoxarifado de produtos de Limpeza;
- Refeitório para as crianças;
- Cozinha para o preparo da merenda escolar;
- Cozinha para funcionários;

- Estacionamento para funcionários;
- Lavanderia;
- 04 banheiros de adulto;
- 02 banheiros infantis;
- 01 banheiro adaptado para pessoa com deficiência;
- Sala técnica;
- Pátio interno;
- 03 Parques externos, sendo um deles com tanque de areia.

Piso superior:

- 12 salas de aula;
- Sala dos professores;
- 02 banheiros de adulto;
- 02 banheiros infantis;
- 01 banheiro adaptado para pessoa com deficiência.

Ocupando uma área de aproximadamente 4.450m<sup>2</sup> a escola funcionava em dois períodos - 7h às 12h e 13h às 18h - e atendia 720 crianças com idade entre dez meses e cinco anos, seguindo a organização abaixo descrita:

- Berçário II - 16 crianças nascidas entre abril de 2017 e março de 2018;
- Infantil I - 20 crianças nascidas entre abril de 2016 e março de 2017;
- Infantil II - 25 crianças nascidas entre abril de 2015 e março de 2016;
- Pré I - 25 crianças nascidas entre abril de 2014 e março de 2015;
- Pré II - 30 crianças nascidas entre abril de 2013 e março de 2014.

Situada no Residencial Gazzo, bairro com baixo índice de vulnerabilidade social<sup>1</sup>, a escola também recebia crianças dos bairros vizinhos - Parque Residencial União, Parque dos Ipês, Residencial Bosque dos Ipês, Residencial Altos do Bosque e Campos dos Alemães, esse último com elevado índice de vulnerabilidade social.

---

<sup>1</sup> De acordo com informações obtidas no Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de São José dos Campos, acessível em: <http://planodiretor.sjc.sp.gov.br/home>

A coleta de dados se deu entre os meses de setembro, outubro e novembro, a partir da observação diária da turma de Berçário II, do período da manhã, na qual eu era a professora regente. Esse grupo era composto por dezesseis bebês, cuja idade, no início do ano letivo, variava entre dez meses e um ano e dez meses, duas auxiliares de sala e uma professora regente. Na rede municipal de São José dos Campos, o profissional que ocupa a função de auxiliar de sala, nos berçários, é o Agente Educador<sup>2</sup>. Entretanto, em algumas situações, quando não é possível preencher a vaga de Agente porque a demanda por esse profissional é maior que o número de efetivos na Rede, ele pode ser substituído pelo Professor Eventual<sup>3</sup>. No caso específico desta pesquisa as auxiliares de sala eram uma Agente Educadora, que ficava conosco das 7h30 às 12h, e uma Professora Eventual, que ficava das 7h às 12h.

Quanto à frequência dos bebês na escola, vale destacar que se tratava de um grupo bem assíduo, não havendo mais do que duas faltas por dia, salvo raras exceções.

O dia a dia na unidade educacional é composto por diversos acontecimentos. No caso específico dessa turma, a rotina era estruturada com alguns horários fixos, atendendo uma demanda organizacional da instituição, e outros flexíveis, onde as propostas realizadas e os espaços ocupados variavam, levando em consideração o planejamento semanal, as solicitações das crianças e o clima no dia. Abaixo segue um modelo ilustrativo de como funcionava o nosso dia:

- 7h às 7h15 - entrada;
- 7h30 - Leite;
- 7h45 às 8h30 - Solário no pátio interno;
- 8h30 às 9h10 - Parque de areia;
- 9h15 às 9h45 - Almoço;

---

<sup>2</sup> Responsável por apoiar o professor em sala de aula com atividades lúdicas, higiene e alimentação dos alunos durante todo o período de aula. Para ocupar esse cargo o profissional não precisa de uma formação específica, bastando ter concluído o ensino médio. A jornada de trabalho é de 8h/dia, com 1h de almoço e dois intervalos de 15 minutos. Nas escolas de meio período, como é o caso da EMEI "Valéria", o Agente Educador fica com uma turma na parte da manhã e outra turma na parte da tarde.

<sup>3</sup> O professor eventual é o profissional contratado para suprir faltas e afastamentos dos profissionais que atuam em sala de aula. É importante frisar que, conforme parágrafo 1º do Artigo 14 da Lei Complementar nº187 de 02/07/1999 "o professor eventual receberá, como remuneração mensal, somente as horas-aulas efetivamente prestadas". O que, associado à fragilidade do vínculo empregatício, reforça a precariedade das condições de trabalho dessa categoria.



- 9h45 às 11h30 - Horário livre;
- 11h30 às 11h45 - Organização para a saída;
- 11h45 às 12h - Saída.

De acordo com BARBOSA e HORN (2019),

O cotidiano da escola de educação infantil envolve muitos momentos. A entrada na escola e/ou na sala de referência, o encontro com professores e outras crianças, a brincadeira, os convites que a professora faz, os percursos realizados sozinhos ou em grupo, as culturas produzidas com as demais crianças, os momentos de encontro com a arte, o movimento, as investigações, a ida ao banheiro, a higiene, as brincadeiras no pátio, a alimentação, enfim, a vivência em todos os momentos que constituem o cotidiano da escola. (p. 21).

Com essas reflexões em mente, passei a observar cada um dos eventos que compunham nossa jornada diária. Foi quando percebi que para alguns bebês, o momento de despedida de seus pais<sup>4</sup> na porta da sala, continuava sendo muito doloroso, mesmo já estando no final do ano letivo. Decidi entender o que estava acontecendo para encontrar uma forma de ajudá-los. Precisei então olhar para esse momento com mais acuidade, procurando dar sentido às diferentes linguagens utilizadas para comunicar o que sentiam e, a partir daí, estabelecer um diálogo efetivo, com a possibilidade de respostas cada vez mais adequadas.

Ao longo desse processo, muitos autores, e o conjunto de ideias que eles representam, contribuíram para a elaboração das reflexões aqui apresentadas. A partir dos conceitos trazidos pela Antropologia da Infância (FRIEDMANN, 2013), compreendi a importância de respeitar as crianças no seu lugar, de pedir licença para observá-las, para entrar em seu território, consciente da sua sabedoria, enxergando-as como produtoras e ressignificadoras de cultura.

---

<sup>4</sup>Optei por utilizar o termo pais ao invés de familiares ou responsáveis porque, no universo pesquisado, raríssimas foram as vezes que outra pessoa, além da mãe ou do pai, trouxera as crianças na escola.

Com Judit Falk e Anna Tardos entrei em contato com a Abordagem Pikler e o valor do “vínculo profundo e estável” (FALK, 2016, p. 19) que contribui para segurança afetiva, e o interesse genuíno (FALK, 2016) do adulto por tudo aquilo que o bebê expressa, criando condições para que ele possa influenciar na satisfação de suas necessidades, atuando para o próprio bem-estar.

A partir das leituras do Currículo Integrador da Infância Paulistana, entendi que era necessário “descolonizar a pedagogia”, rompendo com o “adultocentrismo” e passando a enxergar bebês e crianças como protagonistas das “culturas infantis” (SÃO PAULO, 2015, p. 10). O Currículo deixa claro a necessidade de considerar as diferentes linguagens utilizadas por eles para se relacionar com o mundo a sua volta, valorizando a diversidade das infâncias e das suas formas de agir no meio em que se inserem.

Outro ponto abordado neste trabalho diz respeito ao acolhimento da diversidade possibilitado pelo processo educacional. RICHTER e BARBOSA apresentam isso de forma clara ao afirmarem que,

Trata-se, enfim, de aprender a pensar que é possível pensar a educação como acompanhamento, hospitalidade e acolhimento do outro em sua radical alteridade. (MÈLICH; BÁRCENA, 2000 apud RICHTER; BARBOSA, 2010, p. 90).

Por fim, analiso a função docente e sua importância na consolidação das relações que se formam no ambiente escolar. Responsável por organizar o ambiente, pensando em cada detalhe e levando em consideração o que lhes dizem as crianças com as quais convive diariamente, o educador exerce um papel fundamental no desenvolvimento das relações afetivas. Além disso, como pontua MÓZES (2016), é no cotidiano da escola, na interação diária, observando os bebês

nos mais diversos momentos da rotina, que o educador encontra os meios para o seu desenvolvimento profissional.

### **Os bebês na escola, caminhos para uma escuta sensível**

Ao propor uma reflexão acerca do papel do educador na qualidade das relações que os bebês constroem no ambiente escolar é preciso, antes de mais nada, apresentar o conceito de educação e tratar da função ocupada pela instituição escolar em nossa sociedade. De acordo com o Currículo Integrador da Infância Paulistana (2015, p. 07) a educação é a “relação das novas com as velhas gerações e com o mundo”. Ou seja, é no encontro com o outro, com suas ideias, formas de pensar e agir no mundo que vamos nos constituindo como sujeitos, criando e recriando, ao longo da vida, a nossa humanidade. Partindo desse pressuposto, a instituição escolar pode ser entendida como o espaço que possibilita o encontro e a troca de experiências das crianças entre si e delas com os educadores, condição imprescindível ao desenvolvimento do processo educacional.

Aqui fica mais claro que o educador<sup>5</sup>, no processo de aprendizagem vivido pelos bebês, não se resume a um transmissor de conteúdos a serem aprendidos. Pelo contrário, trata-se de um ser relacional, que se reconhece e se transforma no contato com o outro (FERNANDEZ, 2014). Portanto, é fundamental que, ao se ocupar de um bebê, o faça por inteiro, atento aos sinais emitidos e procurando respondê-los da melhor forma possível. É a partir dessa troca efetiva que o bebê começa a se entender como indivíduo, pois cada ação dele provoca uma reação responsiva no educador. Como colocou FALK,

A partir da expressão das necessidades e da resposta recebida, o recém-nascido aprende a perceber a necessidade e, também, o fato de que é a sua própria pessoa que a experimenta. Ao mesmo tempo, aprende que apesar de ser o adulto quem satisfaz suas necessidades, também ele - o recém-nascido pode

---

<sup>5</sup> Por educador me refiro àqueles que, dentro da sala de aula, se ocupam dos bebês, seja o professor regente, agente educador ou professor eventual.

contribuir, se emitir o sinal adequado. Se, durante os cuidados, o adulto presta atenção para os sinais emitidos pela criança e os *toma em consideração*, cria, desde um primeiro momento, a possibilidade de que o recém-nascido intervenha também no processo dos cuidados e na forma de satisfazer suas necessidades [...]. Se o recém-nascido pode contar com a possibilidade de influenciar no que está passando, isto contribui a reforçar seu sentimento de eficácia, o que constitui a base da sua integração social afetiva. ( 2016, p. 22, grifo meu).

Além de estar atento àquilo que o bebê lhe comunica, o educador precisa respeitar seu tempo e ritmo. Ao antecipar o que vai fazer e aguardar a reação do bebê, ele cria condições para que este se sinta cada vez mais confiante em sua capacidade de atuar no mundo. Para TARDOS,

A maneira como a educadora trata a criança transmite para ela muitas informações. Os movimentos ternos e delicados expressam atenção e interesse, ao passo que os gestos bruscos e rápidos são sinais de indiferença, desatenção ou impaciência. [...] O gesto calmo e lento, enquanto pega a sua cabeça e seu tronco, pode não só evitar que a criança se crispe após o movimento rápido e inesperado, mas também dar-lhe-á a entender que ela espera sua participação e que conta com sua cooperação em tudo que vai acontecer. (2016, p. 64).

A preocupação em entender o que o bebê está dizendo e respondê-lo adequadamente deve permear todos os momentos vividos por ele na escola, desde que chega na porta da sala até a hora da saída, quando nos despedimos. Entendendo que a educação só é possível quando a relação entre gerações tem como pressuposto um sentimento genuíno de interesse pelo outro e sua forma de agir no mundo, acredito que a qualidade das relações que os bebês constroem no ambiente escolar está diretamente relacionada à maneira como são acolhidos pelo educador. Isto porque acolhimento diz respeito à maneira como nos relacionamos com as pessoas à nossa volta e o interesse demonstrado por tudo aquilo que expressam. No caso do trabalho realizado na escola de educação infantil, dada a especificidade da relação de dependência que existe entre o bebê e o educador,

para acolhê-lo ele precisa estar aberto a uma escuta atenta (FRIEDMANN<sup>6</sup>, 2019) que lhe possibilitará compreender os sinais emitidos pelo bebê, agindo de maneira adequada à satisfação de suas necessidades. Dessa forma, além de criar condições para que o bebê experimente uma sensação de bem-estar, a atuação do educador também pode contribuir para o aumento do sentimento de confiança em sua capacidade de “realizar ações competentes” (TARDOS, 2010), influenciando no meio à sua volta.

A fim de ampliar o debate proposto, relato a seguir o resultado de minhas observações junto ao grupo do Berçário II da Escola de Educação Infantil “Professora Valéria Aparecida de Almeida Vasconcelos”, entre os meses de setembro à novembro de 2019.

### **As relações de acolhimento na escola**

No início do mês de setembro, os bebês já estavam bem familiarizados com o ambiente da escola - seus espaços internos e externos -, com as educadoras da sala e com os diferentes momentos que constituíam a nossa jornada. Entretanto, para alguns, despedir-se de seus pais na porta da sala, quando chegavam na escola, continuava sendo muito doloroso e o choro era, quase sempre, inevitável. Tocada por essa situação resolvi observar esse momento com mais atenção procurando entender o que estava acontecendo e atuando, a partir daí, para ajudá-los a passar pelo processo da despedida com um pouco mais de leveza.

A entrada na escola acontecia diariamente das 7h às 7h15 e não costumava haver atrasos. O que significa dizer que, em um período de 15 minutos, praticamente todos os bebês já estavam na sala. Aqui, vale ressaltar que as reações eram as mais diversas e nem todos eles choravam nesse momento. A essa altura, caminhando para o fim do ano letivo, alguns entravam sorrindo e cumprimentando todos que já se encontravam na sala, outros chegavam mais devagar, um pouco

---

<sup>6</sup> Essa citação foi colocada, pela referida autora, durante uma aula do curso de pós-graduação “A vez e a voz das crianças”.

tímidos, e havia ainda aqueles que entravam com muito sono e pediam um lugar para deitar. Porém, ainda havia alguns bebês que sentiam uma enorme tristeza ao se separar de sua mãe ou de seu pai na porta da sala. Choravam e se agarravam aos pais segurando-lhes com toda sua força, lutando para ficar em seus colos. Para eles esse momento, tão complexo e significativo, acontecia de forma apressada, sem que tivessem garantido o tempo necessário à sua despedida.

Como professora responsável pelo grupo, era eu quem deveria garantir a existência desse tempo. Mas, ao contrário disso, o que fazia era me aproximar dos bebês, cumprimentando-os calorosamente e, depois de informar à mãe ou ao pai que iria pegá-los, tirava-os de seu colo e os colocava dentro da sala, chorando, próximo à educadora<sup>7</sup> que ficava comigo durante a entrada. Esse movimento se repetiu inúmeras vezes durante o ano. Foi somente em setembro, quando iniciei a pesquisa e passei a observar com mais zelo os diferentes momentos que compunham nossa jornada, que percebi a incoerência da situação. Mais do que serem transferidos de um colo para o outro, os bebês precisavam ser acolhidos em sua angústia, precisavam de mais tempo com sua mãe ou seu pai antes de entrar na sala e, principalmente, ter seu sentimento de tristeza validado.

No entanto, ao analisar a ação da educadora que recebia os bebês chorando, percebi que o que estávamos fazendo, tanto eu quanto ela, era tentar distraí-los chamando a atenção para algum brinquedo ou para algum colega que, ao invés de chorar, brincava. Não havia aqui a predisposição de tentar entender o que os bebês diziam e, o fato de chorar ao se despedir de seus pais, era encarado como birra ou manha. Sem tempo e espaço para entrar em contato com o que estavam sentindo, a entrada se tornava um momento cada vez mais angustiante para eles.

Outro fator, porém, chamou minha atenção ao voltar o meu olhar para o trabalho desenvolvido pela educadora durante a entrada. A Mariana<sup>8</sup> era uma Professora Eventual que cumpria, em nossa sala, a função do Agente Educador, tendo ocupado essa vaga entre os meses de Abril a Novembro de 2019. Seu único filho, de apenas

---

<sup>7</sup> Como explicitado na metodologia, era a Professora Eventual quem me acompanhava durante a entrada.

<sup>8</sup>Em respeito à privacidade da profissional, alterei seu nome nessa pesquisa.

três anos, estava matriculado no Infantil I de nossa escola e, sua sala era exatamente em frente à nossa.

Assim, como alguns dos bebês que integravam o grupo do Berçário II, ele também sofria ao se despedir de sua mãe na entrada. E, aflita para chegar à nossa sala antes das 7h da manhã, horário em que o portão abria para toda comunidade, ela cumpria esse ritual apressadamente e ele, quase sempre, entrava para sua sala chorando. Mariana, por sua vez, sentia culpa e angústia. Nesse estado de espírito, era impossível para ela dar conta de acolher os bebês que, na porta da nossa sala, choravam ao se despedir de seus pais. E exigir que proporcionasse a eles, aquilo que não conseguia fazer pelo seu filho, contribuiria apenas para intensificar seu sentimento de culpa e angústia.

Ao constatar isso, e partindo do princípio que ninguém pode oferecer aquilo que não tem, compreendi que, para ter condições de acolher, ela também precisaria ser acolhida. Com isso em mente, conversei com ela sobre minhas observações em relação à dificuldade que ela enfrentava ao se despedir de seu filho na porta da sala. Reforcei ser algo absolutamente normal o fato dele chorar nesse momento - estava apenas expressando a tristeza que sentia por se separar de sua mãe. Também pontuei quão complexo era, para uma criança de sua idade, entender que a mãe, que estava logo ali na sala da frente, não poderia ficar com ele, pois precisava cuidar de outras crianças. Por fim, falei da importância de respeitar o tempo e o ritmo da criança, agindo com calma e delicadeza, acolhendo suas angústias e criando condições para que ela participasse de forma ativa das diferentes situações vividas.

Então, combinamos que, ao chegar à escola, ela viria com seu filho para nossa sala e ele ficaria conosco até o término da entrada. A intenção era garantir que, ao se despedir de seu filho na porta da sala, ela o fizesse com a máxima tranquilidade, tendo em vista que, como o período da entrada já havia passado, ela não precisaria apressar-se para me ajudar a receber os bebês. Além disso, queríamos que ele

entendesse que era bem-vindo na sala, podendo entrar para falar com sua mãe sempre que sentisse necessidade.

A mudança na postura da Mariana foi visível, como se um peso tivesse saído de suas costas. Desse dia em diante, passou a entrar na sala com muita tranquilidade e era assim que recebia os bebês. Até o tom da sua voz ficou mais calmo. O choro na entrada continuou, pois manifestava a tristeza de uma separação que também continuava acontecendo. Mas agora, além de terem mais tempo para se despedir, os bebês, quando entravam na sala, eram acolhidos com toda ternura que mereciam.

### **Considerações finais**

A partir dessa experiência, percebi que o acolhimento não deve ser pensado exclusivamente para os bebês e crianças que frequentam a escola, mas para todos aqueles que compõem o ambiente escolar. Sob esse aspecto, a consolidação de uma rede de apoio entre os profissionais que atuam, direta ou indiretamente com as crianças, abre um significativo espaço para que as dificuldades, conflitos e angústias sejam percebidos e cuidados.

Esse movimento, porém, não acontece de forma espontânea. Ele depende da ação efetiva daqueles que, na escola, são os responsáveis pela formação dos funcionários, seja o coordenador, o diretor ou o orientador. Como expôs MÓZES (2016) em artigo publicado na Revista Latinoamericana de Educación Infantil (RELAdeI) é papel da gestão cuidar para que esse apoio emocional aconteça. Ao citar Lamour, nesse mesmo artigo, a autora nos apresenta a imagem da boneca Matrioska para ilustrar a maneira como essa relação de acolhimento acontece entre os profissionais que integram o ambiente escolar, afirmando que, “los adultos forman alrededor del niño una bolsa protectora en varias capas, apoyándose entre ellos al mismo tiempo” (LAMOUR, 1998 apud MÓZES, 2016, p. 34).



O percurso iniciado por essa pesquisa trouxe muitas reflexões e novos questionamentos. Ao assumir a escola como espaço que se configura a partir das relações humanas que nele se estabelecem, é fundamental pensarmos na qualidade dessas relações. Por possibilitar o acolhimento do outro em sua “radical alteridade” (MÈLICH; BÁRCENA apud RICHTER; BARBOSA, 2010, p. 90), ela oferece as condições necessárias para o convívio harmônico, capaz de celebrar as diferenças, tanto quanto as semelhanças que nos constituem. Hoje, em um momento tão complexo da nossa sociedade, onde o diverso é assumido como algo ruim e a intolerância toma conta dos discursos, é preciso ampliar o debate sobre o lugar ocupado pela instituição escolar reafirmando seu papel na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. da G. S. A cada dia a vida na escola com as crianças pequenas nos coloca novos desafios. In: ALBUQUERQUE, S. S. de; FELIPE, J.; CORSO, I. V. ( orgs.). **Para pensar a docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evangraf, 2019.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. In: **Educar em revista**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, nº16, p. 181-191. 2000. Disponível em: [http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos\\_16/irineu\\_engel.pdf](http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf) Acesso em: 15 abr. 2020.

FALK, J. (org.). **Abordagem Pikler, Educação Infantil**. Título original: Lóczy, educación infantil. Tradução: Guillermo Blanco Ordaz. São Paulo: Omnisciência. Coleção primeira infância: educar de 0 a 6, 2016.

FERNANDEZ, Gláucia. **A escola para além da es-co-la: um olhar sobre a educação integral**. Orientadora: Delma Lúcia Mesquita. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Pedagogia, Centro Universitário Salesiano de São Paulo, São Paulo, 2014.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

FRIEDMANN, Adriana. **Linguagens e Culturas Infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

MÓZES, E. **La observación del bebé por parte de su madre o sustituto: efectos en sus propias actitudes y en la imagen que se forman del niño**. Revista Latinoamericana de Educación Infantil RELAdEI, 5 (3) Monografico Pikler-Lóczy, p. 27-35, Setembro. 2016. Disponível em: [www.reladei.net](http://www.reladei.net). Acesso em: 10 abr. 2020.

RAPOPORT, A. et al. **O dia a dia na educação infantil**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

RICHTER, S. R. S.; BARBOSA, M. C. S. **Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche**. In: Revista Educação, v. 35, n. 1, p. 85-95, janeiro-abril, 2010. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/RG, 2010.

TARDOS, A. MARIAN Reismann: Relações. In: **Revista De La In-Fan-cia**. España: Asociación de Maestros Rosa Sensat, nº 42, Março-Abril p. 12-17. Tradução livre de Sonia Valverde Larrubia, 1997.

## DOCUMENTOS OFICIAIS CONSULTADOS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **Guia para elaboração de Referências**: de acordo com a norma da ABNT, 2019. São Paulo, 2019.

Disponível em:

<https://www.pucsp.br/sites/default/files/Guia%20para%20elabora%C3%A7%C3%A3o%20de%20refer%C3%Aancias%20de%20acordo%20com%20a%20norma%20da%20ABNT%20dez%202018.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS/SP. **Agente educador dá assistência diferenciada ao aluno na escola**. Disponível em:

[http://servicos2.sjc.sp.gov.br/noticias/noticia.aspx?noticia\\_id=26730](http://servicos2.sjc.sp.gov.br/noticias/noticia.aspx?noticia_id=26730). Acesso em: 06 abr. 2020.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS/SP. **Lei complementar nº 187, de 02 de julho de 1999**.

Dispõe sobre a contratação de Professores, por prazo determinado, para atender à necessidade temporária de excepcional interesse público, nos termos do inciso IX do artigo 37 da Constituição Federal e dá outras providências. São José dos Campos: Prefeitura Municipal, 1999. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-jose-dos-campos/lei-complementar/1999/19/187/lei-complementar-n-187-1999-dispoe-sobre-a-contratacao-de-professores-por-prazo-determinado-para-atender-a-necessidade-temporaria-de-excepcional-interesse-publico-nos-termos-do-inciso-ix-do-artigo-37-da-constituicao-federal-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 30 mar. 2020

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS/SP. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado**. São José dos Campos: Prefeitura Municipal, 2018. Disponível em

<http://planodiretor.sjc.sp.gov.br/home>. Acesso em: 30 mar. 2020.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Currículo integrador da infância paulistana**. São Paulo: SME/DOT, 2015.